

Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos  
Em

# Destaque

Nº 6 \* Abril-Maio 94 \* Gabinete do Centro Escolar Minerva \* 80 letras  
\*\*\*\*\*

INTERCÂMBIO  
DE ESCOLAS:  
ESCOLA  
SECUNDÁRIA  
DE FIGUEIRO'  
DOS VINHOS  
E  
BRINSBURY  
COLLEGE  
INGLATERRA.

*UMA EXPERIÊNCIA  
ENRIQUECEDORA E  
INESQUECÍVEL.*

*(Ver páginas centrais)*



O grupo português numa sala de aula do Brinsbury College

## 20 ANOS DE DEMOCRACIA E AS PRÁTICAS CULTURAIS

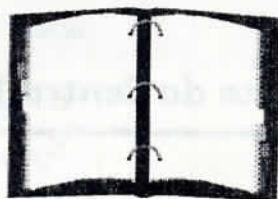
*"Desde 1974, muito tinha acontecido e pouco  
tinha mudado, sobretudo em termos da «fruição»  
e «criação» cultural por parte da população."*

Eduarda Dionísio, Portugal Vinte Anos de Democracia,  
Círculo de Leitores, 1994.

*(Ver páginas 8 e 9)*



## ENTREVISTA A FÁTIMA GOUVEIA (Professora do 9.º Grupo)



**E.D.** - O que mais adora?

F.G. - Viver.

**E.D.** - O que mais odeia?

F.G. - A hipocrisia.

**E.D.** - Filme?

F.G. - "Apocalypse now", de Francis Ford Coppola e "A insustentável leveza do ser", de Philip Kaufman.

**E.D.** - Actores preferidos?

F.G. - Lawrence Olivier.

**E.D.** - Televisão?

F.G. - Noticiários, sempre. Debates, alguns... e video-clips, sempre que posso.

**E.D.** - Músicos preferidos?

F.G. - Tudo depende dos "ups and downs"...

**E.D.** - Canção especial?

F.G. - Está sempre subjacente o "aqui e agora"...

**E.D.** - Lugares da noite?

F.G. - Da noite e do seu mistério, gosto muito. Dos lugares, depende...

**E.D.** - Personalidade que mais admira?

F.G. - Todo aquele que luta, para que a condição do "Ser Homem" seja respeitada.

**E.D.** - Figura que menos admira?

F.G. - Todo aquele que despreza as condições do ser humano e há um certo Primeiro...

**E.D.** - Quem gostava de ser?

F.G. - Eu estou bem assim.

**E.D.** - Super-herói preferido?

F.G. - Ainda há?

**E.D.** - Defeitos?

F.G. - Ser demasiado sincera!!!!

**E.D.** - Qualidades?

F.G. - Ser sincera.

**E.D.** - Um motivo de orgulho?

F.G. - Ser como sou.

**E.D.** - Um motivo de arrependimento?

F.G. - Talvez me arrependa, às vezes, de perdoar rapidamente...

**E.D.** - Um desejo?

F.G. - Viver para sempre.

**E.D.** - Uma frustração?

F.G. - A Morte.

**E.D.** - Uma "pancada"?

F.G. - Em mim é um "estado" latente...

**E.D.** - Medo?

F.G. - Só de perder a capacidade de continuar a saborear a vida.



Office



**E.D.** - Um ídolo?

F.G. - Idolatria não é comigo.

**E.D.** - Mania?

F.G. - Qual delas?

**E.D.** - Animal?

F.G. - Quem? Juro que nunca chamei isso a ninguém...

**E.D.** - Cor?

F.G. - Azul, azul e mais azul...

**E.D.** - Uma pessoa bonita?

F.G. - O Homem.

**E.D.** - Uma pessoa inteligente?

F.G. - A'lvaro Cunhal.

**E.D.** - O que mais gosta de oferecer ao namorado?

F.G. - Ao meu "eterno" namorado, gosto de oferecer livros e perfumes.

**E.D.** - O que mais gosta que lhe ofereçam?

F.G. - Flores, jóias e perfumes e sempre, por esta ordem.

**E.D.** - Carro?

F.G. - Desde que tenha quatro rodas e ande, tudo bem.

**E.D.** - Perfume?

F.G. - Eternity, de Calvin Klein.

**E.D.** - Roupa?

F.G. - Desde que seja confortável, estou na maior.

**E.D.** - Aparelhagens?

F.G. - Quais? As de som, de imagem ou as políticas?

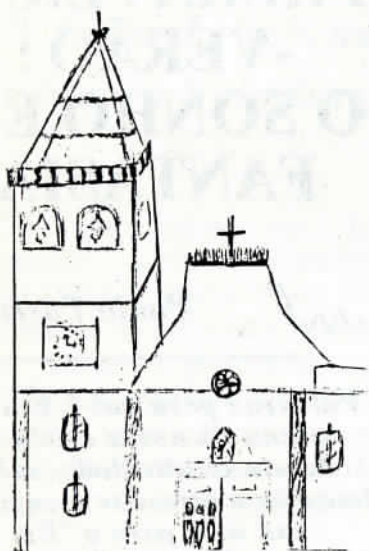
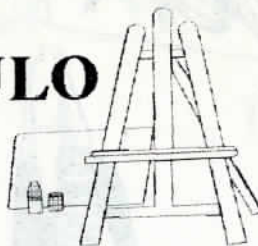
Isabel Martins - 12<sup>ª</sup>C



# MEMÓRIAS



## O CASULO

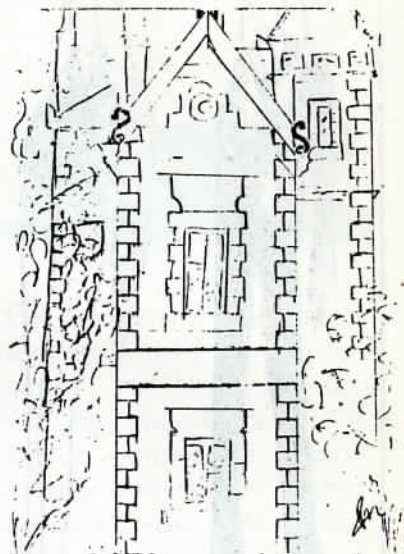


Casa onde viveu o grande mestre da pintura portuguesa, José Malhoa. Aí teve o seu atelier onde produziu grande número das suas obras. Em algumas delas fixou aspectos da paisagem local, que tanto apreciava.

No interior da Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos, no altar-mor, encontra-se um magnífico quadro do pintor. Este representa o Baptismo de Cristo.

O casulo é hoje a sede do Cento Cultural de Figueiró dos Vinhos.

7.0 A/7.0B



## HISTÓRIA DOS JEANS

DESCOBERTAS POR LEVI STRAUSS EM 1849 QUANDO TRANSPORTAVA UM CARREGAMENTO DE LONA PARA A AMÉRICA PARA FAZER TENDAS PARA OS MINEIROS...

**E**ra da Baviera, e emigrou para a América, levando consigo um carregamento de lona que trazia da Europa, com a ideia de a vender para fazer as tendas dos mineiros (1849). Não utilizou o material para esse fim, mas desenhou com Jacob Davis, alfaiate, um modelo de calças para os mineiros que resistissem às exigências do seu trabalho.

**O** êxito retumbante destas novas calças levou-o a criar uma empresa, e a "moda" vulgarizou-se de tal forma em toda a América, que até o exército as viria a adoptar na 2.ª Guerra Mundial.



**À** Europa só haviam de chegar nos anos 50 do século XX, ao mesmo tempo que as pastilhas elásticas, a Coca-Cola ou as meias de Nylon, divulgando-se rapidamente em quase todos os países. Mas a sua fabricação na Europa só mais tarde se conseguiria e quando finalmente se registaram as primeiras marcas europeias,

utilizaram-se todos os materiais como variante da "lona", e foram agora os Jeans europeus que começaram a competir com os americanos...

**O** resto já sabem. As linhas foram mudando, mais bolsos, menos bolsos, mais curtas, menos curtas, ninguém lhes pode negar o sucesso e a durabilidade na moda de quase um século!

A sua adesão chegou a Paris, capital da moda e até o conhecido costureiro parisiense, afirmou:

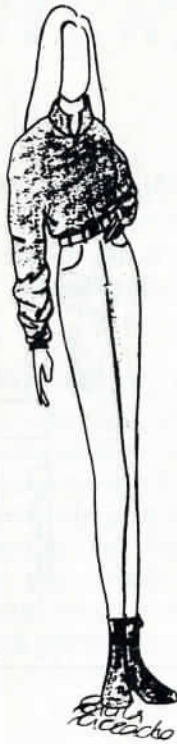
*"Quem me dera ter sido eu a inventar as blue jeans!"*

*Yves Saint Laurent*

ACTUAL

LEHMANIT

MODA



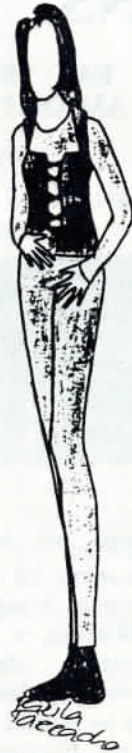
# PRIMAVERA - -VERÃO : O SONHO E A FANTASIA



por  
**Paula Parracho**

*Palavras para quê ? É uma  
aluna da nossa escola !  
Revela criatividade, sabe  
desenhar e atreve-se a enviar a  
sua arte para o "Em  
Destaque".*

Os modelos aqui  
apresentados revelam as  
invocações dos anos  
setenta como não podia  
deixar de ser: os colares,  
as botas, os shorts,  
algumas calças "à boca de  
sino", e as sobreposições.  
Quem não as "ousará"?





CINEMA

ACTUAL  
LHUMANTE

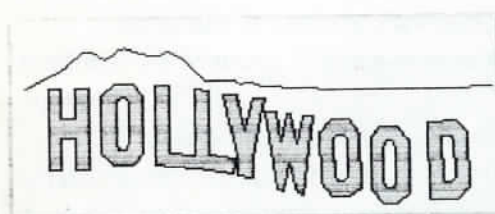
## SCHINDLER'S LIST

(A Lista de Schindler)

de Steven Spielberg

Se quisermos ser totalmente subjectivos, poderemos dizer que a Lista de Schindler é daqueles filmes que passam a pertencer ao património íntimo de cada um dos seus espectadores. De facto, ao filmar a história de Oskar Schindler,

Spielberg não se limitou a procurar a dimensão paradoxal desse homem que começou por utilizar os judeus como mão de obra barata, para produzir peças para o exército nazi, acabando por assumir o risco de os salvar dos campos de



morte. Ao mesmo tempo, o seu projecto cinematográfico envolve uma ambição extrema: expor o sistema de poder hitleriano como máquina de devastação de identidades, logo também como geradora das resistências mais nobres

e desesperadas.

A Lista de Schindler resulta, assim, o mais impressionante trabalho de ficção que já se filmou sobre o holocausto, tanto mais quanto as suas características escapam, ponto por ponto, às convenções clássicas do filme de guerra.

*In Expresso - Cartaz,  
5 Março 1994*



## Os Deuses Devem Estar Loucos



Foi um êxito planetário repentino e nunca completamente explicado. Esta produção sul-africana - tomando como protagonista um aborígine, sobre quem cai, do céu uma garrafa de coca-cola, que ele teima em devolver aos deuses deitando-a abaixo da falésia do mundo - tem um humor limitadíssimo mas conquistou público um pouco por todo o lado. Entre nós, esteve mais de um ano em exibição.

*In Expresso Cartaz,  
5 Março 1994*



# INTERCÂMBIO DE ESCOLAS



No âmbito do "Programa Língua", a Escola Secundária recebeu a visita de doze alunos acompanhados de dois professores do "Brinsbury College" de West Sussex na Inglaterra.

Na sequência deste intercâmbio, doze alunos da Escola Secundária, do 11.º Ano, acompanhados de duas professoras do 9.º Grupo, foram recebidos em Inglaterra, numa visita que decorreu de 3 a 17 de Abril.

Este projecto conjunto teve como objectivos o estudo da fauna e flora das regiões visitadas, o

levantamento de problemas de ambiente locais e o contacto com a realidade cultural e linguística das duas regiões.

Sendo a nossa região uma zona rural e florestal, e como o "Brinsbury College" é uma escola superior agrícola, esta visita proporcionou a alunos e professores o contacto com as diferentes actividades agrícolas, quer do nosso Concelho e arredores, quer do Condado de West Sussex, o que lhes permitiu ficar a conhecer também aspectos que geralmente não estão ao alcance do simples turista.

Assim, em Portugal, além de trabalhos de grupo, foram efectuadas visitas ao viveiro de trutas, a estufas, a adegas, destilarias, lagares, barragens e fábricas. De realçar, que um pequeno grupo de alunos ingleses, acompanhados pelos professores, se mostrou interessado em contactar o Sr. Comandante dos Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos, que se disponibilizou para os receber no Quartel e que os levou a ver os pontos de maior risco no Concelho em caso de incêndio, tendo esta viagem sido efectuada no auto-tanque.

Realizaram-se também visitas a várias cidades e a locais de interesse turístico, histórico e cultural como : Conimbriga, Universidade de Coimbra, Convento de Cristo em Tomar, Castelo de Almourol, Mosteiro da Batalha, Grutas de Mira de Aire, etc.

Por sua vez, o grupo português, teve a oportunidade de visitar os condados de West Sussex e East Sussex no sul da Inglaterra. Visitaram as cidades mais importantes dessa região, como Brighton, Portsmouth,



Torre de Londres



Interior da Torre de Londres

Chichester, Worthing, Horsham e Arundel e os seus locais de maior interesse histórico e cultural. Castelos, catedrais, antigos navios de guerra, fábricas, parques de diversões, centros desportivos, ruas típicas... , a cidade de Londres com os seus monumentos, parques e outras atracções turística foram alguns dos pontos altos desta estadia. Foi-lhes também, permitido viver numa aldeia inglesa, Midhurst, onde todo o conforto proporcionado pelo progresso se alia à beleza natural da paisagem verdejante,

# TAQUIMETRO ESPECIAL EM DESTAQUE ESPECIAL



em que as típicas "cottages" se integram completamente.

Estas duas semanas de convivência e contacto com uma realidade diferente foram certamente uma experiência enriquecedora do ponto de vista linguístico, cultural e social. Uma recordação que os alunos levarão consigo para o futuro.



Rua de Midhurst



Aula de equitação no Emsbury College



Trabalho de grupo na escola inglesa. Alunos ingleses e portugueses empenhados no mesmo projecto.



Autocarro de dois andares em Londres

## culturalmente falando ...

### 20 ANOS DE DEMOCRACIA E AS PRÁTICAS CULTURAIS

IN EDUARDA DIONISIO, PORTUGAL VINTE ANOS DE  
DEMOCRACIA, *Círculo de Leitores, 1994*



Bailado "Verde Gaio"

Em 1973 havia quatro vezes mais espectadores de cinema (29 milhões) do que em 1991 e quase o dobro das salas de cinema de 1991 (452). Só cerca de um quarto dos filmes era americano - em 1991, mais de metade. *Hiroshima meu amor*, *American Graffiti*, *Cerimónia secreta*, *Jesus Cristo Superstar*, passavam em Lisboa no dia 24 de Abril de 1974, tudo devidamente expurgado das cenas "subversivas", ou "imorais". (...)

Na noite de 24 de Abril, o Parque Mayer funcionava em pleno, com a crítica política possível. Nalguns "grandes teatros", textos modernos:



Vitorino Nemésio

Arthur Miller, Albee. O TEL, a Casa da Comédia e a Comuna tinham espectáculos em cena. A Cornucópia e os Bonecreiros acabavam de mostrar dois espectáculos notáveis. O



Grupo 4 trabalhava no projecto da nova sala, na Praça de Espanha. No Porto, o TEP e a Seiva Trupe. O Nacional tinha ardido em 1965. O teatro amador existia e nele trabalhavam encenadores ou que haviam de o ser. O Atlético de Campolide estava entre os mais conhecidos.

Em 1973 havia três grandes orquestras em Lisboa: a Sinfónica da Emissora Nacional, a Filarmónica de Lisboa e a Orquestra Gulbenkian. Muitos dos Concertos eram importados assim como os espectáculos de ópera e bailado. A excepção do Coliseu, concertos, ópera e bailado eram para minorias cidadinas homogéneas - temporadas para elites de "habitués". Em 1991 há ainda menos ópera (metade dos espectáculos de 1973), muito mais bailado, em nenhum dos casos para mais de 26000 espectadores.(...)

A Fundação Gulbenkian é o centro da vida musical com







Madalena Perdigão no Serviço de Música, simultaneamente responsável pela reforma do ensino artístico então em curso - em 1972 nasce a Escola Superior de Cinema, que Seixas Santos dirigirá. O bailado é também Gulbenkian e sobretudo um nome: Carlos Trincêiras. Mas continua a existir o Verde Gaio, fundado por António Ferro em 1940.

Em 1973 os museus eram cerca de 120 e pouco frequentados (2,3 milhões de visitas). Em 1991 são mais 200 e os visitantes triplicaram (...)

## ABRIL-MAIO DE 74: 15 DIAS QUE ABALARAM OS HÁBITOS

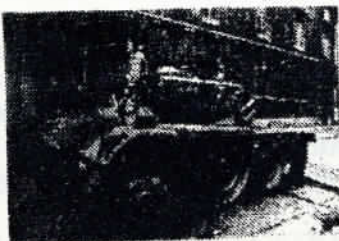
O 25 de Abril está estreitamente ligado à música que viria a chamar-se "popular": *Grândola* de Zeca Afonso, passa a ser o seu "emblema". Horas depois era cantada por toda a gente nas ruas. O "popular" tinha

## culturalmente falando ...

mudado de registo. Os hábitos e a cultura também.

A libertação funcionava como o "revelador" de uma realidade mantida em câmara escura. Se não aconteceram imediatamente grandes "revoluções" na cultura, deram-se rompimentos cuja importância ultrapassa os próprios factos: nem teatro nem cinema no dia 1 de Maio, espectáculos em preparação ficam suspensos, o traje de gala é abolido em S. Carlos.

Mas a cultura não será preocupação de um novo poder contraditório, a braços com um número crescente de questões "imediatas" e prementes que ninguém tinha podido prever. A única referência que parece dizer respeito à cultura é a garantia de "liberdade de expressão e pensamento dada ao País (...)



## QUASE VINTE ANOS DEPOIS: A CULTURA PRIVATIZADA

### (...) REGRESSOS

Em 1991, as Autarquias teriam dispendido mais de 25 milhões de contos em actividades culturais (quantia muito superior ao orçamento da SEC). Mas mais de 1/4 é utilizado em Lisboa e mais de 40% em Desporto e Jogos. A hierarquia dos gastos (pouco mais de 3% para associações culturais) mostra a reprodução do modelo cultural dominante do Estado. (...)

Em 1993, na cultura, como no resto, tratava-se de "exercer a sua experiência com dinamismo e vencer desafios com realismo" (Simonetta Luz Afonso). Não haveria facilmente lugar nem para a paixão nem para a memória.

\*

### MODELO ATÓMICO DE

### RUTHERFORD



*Físico e Químico Inglês, Rutherford (1871 - 1937)*

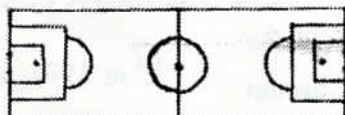
*Aluno e sucessor de Thomson.*

*Deu importante contributo à Física Nuclear.*

*Prémio Nobel da Química em 1908.*

De acordo com as informações experimentais de que dispunha, Rutherford admitiu que o átomo teria uma zona central, a que chamou núcleo, muito pequena em relação ao tamanho do próprio átomo. O raio do núcleo era cerca de cem mil vezes mais pequeno que o raio do átomo.

Comparando as dimensões de um núcleo com as dimensões de um átomo: o raio do núcleo está para o raio do átomo, assim como um ponto de giz (cerca de 1 mm de diâmetro) está para um campo de futebol (100 m).



Segundo o modelo atómico de Rutherford (1910), o átomo apresenta uma zona central - O Núcleo -, onde se concentra quase toda a sua massa. Em volta deste movem-se os electrões. Trata-se de um modelo nuclear.

Em torno dessa zona central, o núcleo, mover-se-iam os electrões, descrevendo órbitas, tal como os planetas em torno do sol.

Assim, o núcleo deveria ter carga de sinal positivo, simétrica da carga total dos electrões, visto que um átomo é uma partícula neutra.

Por analogia com o sistema solar, Rutherford admitiu que os electrões descreviam órbitas em torno do núcleo.

A ideia da existência de um núcleo em todos os átomos, introduzida pela primeira vez por Rutherford em 1910, é hoje considerada um facto assente, confirmado por inúmeras experiências.

O modelo atómico de Rutherford, apesar de inovador, ao considerar que os átomos têm núcleos e ao explicar diversos fenómenos, tem, no entanto, uma base experimental insuficiente, nomeadamente no que diz respeito às posições e ao comportamento que indicava para os electrões.

HELDER NICOLAU R. CUNHA, Nº5 9ºD

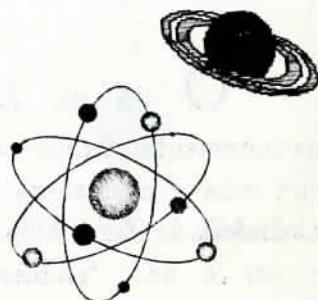


### ADIVINHAS EM QUÍMICA

I  
Na água,  
Grande solução dou.  
Na mesa dou paladar  
E sou bom a conservar.  
Abundante sou no mar,  
Nas lágrimas também estou.  
Existo nas salinas.  
E também surjo em minas,  
Trata-me toda a gente  
Com três letras somente  
Mas o meu nome real  
É um pouco diferente...

II  
Tenho um condensador,  
Um balão e as misturas,  
Faço a separação  
Com eficácia e vigor,  
Obtendo substâncias puras  
Duma dada solução.  
Treino-me em refinarias.  
Se pensares no petróleo,  
Que dá gasolina e gásóleo  
Concerteza acertarias...

I-Cloro II-Destilação  
SOLUÇÕES





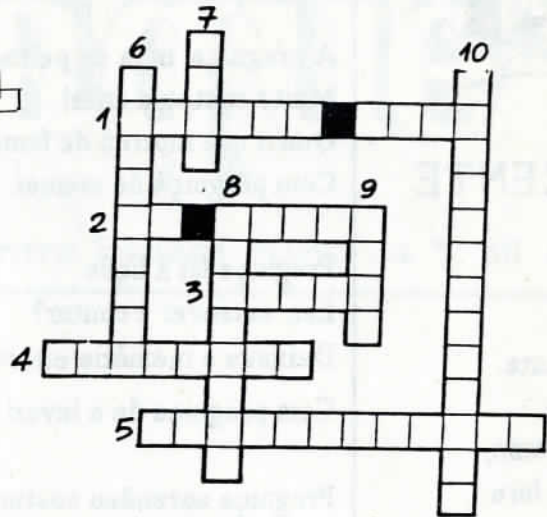
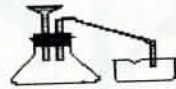
1 - CRUZADA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									

Horizontais: 1 - AGATA. OLA. 2 - LURA. CLAN. 3 - MAR. COEVA. 4 - APURAR. AN. 5 - AFIM. PRA. 6 - A. AMAGO. S. 7 - DAR. PALA. 8 - IM. CASACA. 9 - TOLAS. COR. 10 - ARAL. GALA. 11 - RAS. CASAR.

**Horizontais:** 1 - Variedade de quartzo. 2 - Buraco. Tipo rudimentar do grupo social anterior à família. 3 - Imensidão. Contemporânea. 4 - Seleccionar. Falta (pref.). 5 - Semelhante. Para. 6 - Medula. 7 - Beneficiar. Frainha grossa. 8 - Prefixo de negação. Peça de vestuário masculino de cerimónia. 9 - Vaidosas. Matiz. 10 - Grande lago salgado da Ásia. Solenidade. 11 - Chefe etíope. Combinar-se (fig.).

**Verticais:** 1 - Princípio espiritual em oposição à matéria. Juntar. 2 - Briosa. Terra portuguesa. 3 - Irritar um pouco. Nota musical (pl.). 4 - Basta! Viscera. Óxido de cálcio. 5 - Compartimentos. 6 - Tinta. Petróleo. Gálio (s.q.). 7 - Interj. designativa de chamamento. Da polónia. 8 - Banhar. Naquele lugar. 9 - Planta intertropical muito cultivada pelos seus belos frutos. Sulcar.



HORIZONTAIS:

- 1 - Solução com pH=7; substância cuja solução aquosa tem pH>7.
- 2 - Símbolo químico do cálcio; substância cuja solução aquosa tem pH<7.
- 3 - Elemento de símbolo Cl.
- 4 - Cor do indicador universal em presença de uma solução fortemente ácida.
- 5 - Grandeza que exprime a quantidade de soluto por unidade de volume da solução.

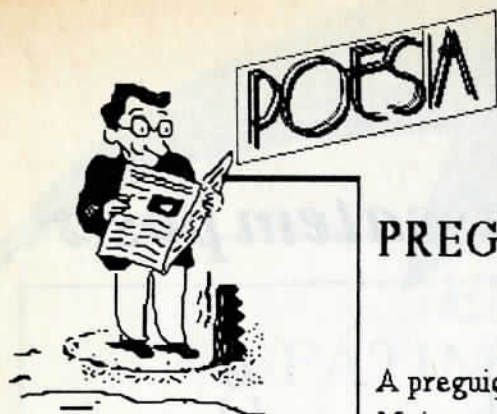
VERTICAIS:

- 6 - Substância que permita detectar o carácter químico de uma solução.
- 7 - Solvente muito utilizado em química e não só...
- 8 - Diz-se da solução que torna carmim a fenolftaleína.
- 9 - Substância elementar que, em solução alcoólica, dá origem à tintura de iodo (invertido).
- 10 - Reacção química que origina a formação de moléculas de água a partir de iões hidrogénio e iões hidróxido.

Horizontais: 1 - Neutra; base. 2 - Ca; ácido. 3 - Cloro. 4 - Vermelho. 5 - Concentração. Verticais: 6 - Indicador. 7 - Água. 8 - Alcalina. 9 - Iodo. 10 - Neutralização.

11ª A2

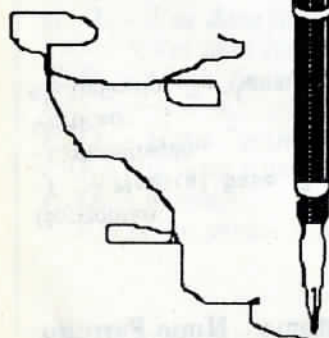
Fernando Jorge - José Horácio - Manuel António - Nuno Parreira



## DIFERENTE

Diferente.  
Sou diferente.  
Encerrada  
dentro de mim,  
Olho para fora.  
Corto o horizonte,  
Galgo os montes,  
Correndo sem um fim.  
Troco os passos,  
Volto atrás,  
E penso, penso.  
Quero sair,  
Quero viver,  
E olho para fora.  
Tenho medo.  
Corto o horizonte,  
Galgo os montes,  
Correndo sem um fim.  
Troco os passos,  
Volto atrás,  
E penso, penso.  
Sou diferente.

**Paula Parracho**

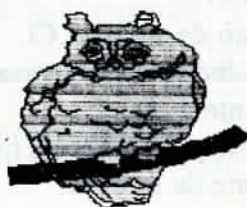


## PREGUIÇA

A preguiça, inda de peito,  
Muito custou a criar!  
Quasi que morreu de fome,  
Com preguiça de mamar.

Preguiça foi à lição:  
Ler, escrever e contar?  
Deixava a memória em casa  
Com preguiça de a levar!

Preguiça aprendeu costura;  
Mas sempre que costurava,  
Só para não pôr dedal,  
Sempre seus dedos picava.



Preguiça morta de sono,  
Quase de sono morria:  
Só por não fechar os olhos,  
Quantas vezes não dormia!

A preguiça, muito a custo,  
Fez a cama e se deitou;  
Para não mais a fazer  
Nunca mais se levantou.

A preguiça abriu a boca,  
Coisa em que ela era mais certa;  
Mas depois, p'ra a não fechar,  
Ficou sempre «boca-aberta».

A preguiça e o desmazelo  
Juntaram-se em casamento,

## Destaque

\*Gabinete  
do Centro Escolar  
Minerva

PROFESSORES:

Arlete Leitão  
Margarida Lucas

PARTICIPAÇÃO  
ESPECIAL:

\*Dos alunos do 12º C  
\*Dos Professores e  
Alunos de Física e  
Química



Agradecemos a to-  
dos quantos colabora-  
ram neste número do  
"Em Destaque"

\*A Equipa do C.E.M.

Levando os dois em bom dote  
Uma mão cheia de vento.

A preguiça tem dois filhos:  
Oh! que santa geração!  
A mais velha, Dona Fome,  
O mais novo, Dom Ladrão.

Quando a preguiça morrer,  
Até o monte maninho,  
Até fraguedos da serra  
Darão rosas, pão e vinho.

**António Correia de Oliveira**



# LER

## UM ACORDAR CHEIO DE AVENTURA

Sandra Isabel Ruivo da Silva

12 anos - 7º A - Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos

*Menção Honrosa no Concurso Literário : "Um livro, Um Amigo de Palavra"*

*(Editorial Caminho)*

O dia estava quente e abafado. As moscas não paravam de voar à volta do copo de sumo de laranja que se encontrava em cima da mesa. Não se via ninguém. Por instantes, o mundo parecia ter parado.

Saturado de tanto se espreguiçar na sua cadeira, Alexandre, mais conhecido por Xanoca, decidiu telefonar ao Maneca. Talvez tivesse alguma ideia sobre o que deveriam fazer naquela tarde estival de Agosto.

Figueiró dos Vinhos, aquela vila tão característica do litoral centro e interior, não oferecia muita variedade de escolha para uma boa ocupação dos tempos livres. A não ser o rio, a televisão, o computador e, claro!, os livros, nada mais estimulava o interesse juvenil.

De repente, e ao longe, Xanoca viu um vulto sobre uma bicicleta em direcção a si mesmo. Só podia ser o Maneca. Era ele! Não sabia como um ser tão gorducho se aguentava em cima de um velocípede!

Assim que parou, foi mais fácil ver o suor e a transpiração no seu rosto e, afinal, em todo o seu corpo. - Xanoca, não sei como consegui cá chegar! Parei tantas vezes! O ar não corre. Só me apetece ir ao rio. Talvez um pouco de água melhorasse a minha disposição. Sei que o Tó, a Tita, a Mila e os primos do Titó estão lá, agora.

- Tens razão. Vai ser penoso lá chegarmos. Mas valerá a pena!

Partiram com as toalhas aos ombros e os chinelos nos pés. Num ápice, encontravam-se já a mergulhar no rio.

Maneca foi o primeiro a saltar, o que fez com que a sua indisposição desaparecesse. Todos os outros lhe seguiram o exemplo.

O rio era um ponto de encontro dos jovens, pois a cascata que acabava com um pequeno lago permitia tantas distrações que se tornava difícil regressar a casa.

Que bem que sabia aquele banho!, pensava Xanoca. Sobretudo depois de ter passado por aquele calor horrível.

Um barulho estranho vinha por detrás do rochedo onde ele estava deitado. Olhou à sua volta. Timha adormecido. Não via ninguém. Talvez fossem os colegas a divertirem-se.

Levantou-se. Um homem muito forte discutia furiosamente com um rapaz de péssimo aspecto. Não o conhecia. Certamente não era de Figueiró dos Vinhos. Só foi capaz de ouvir “droga”. Um certo receio começou a apoderar-se de si. E se eles descobrissem que ele estava ali? O que é que lhe fariam? Só lhe apetecia fugir para bem longe. Mas como? Onde estavam os seus amigos? Escondeu-se mais ainda. Apercebeu-se, então, que tinha havido um problema relativamente ao local onde aqueles passadores de droga deixavam a sua mercadoria. De facto, na véspera, um terceiro elemento tinha desviado o conteúdo do esconderijo. Para se certificarem, depositaram um novo saco, muito grande, sob a raiz de uma falsa árvore, bem perto do Xaneca. Em seguida, retiraram-se.

Este não sabia o que fazer. O seu coração batia tanto que o melhor seria deixar passar algum tempo e, depois, avisar a polícia.

A corrida foi de tal maneira rápida que, quando chegou ao posto de polícia, não foi capaz de dizer o que tinha visto e ouvido.

No momento em que conseguiu, de imediato um grupo de homens se dirigiu ao local indicado, na companhia daquele jovem tão corajoso.

Estava a anoitecer. Xanoca receava que nenhum dos traficantes aparecesse.

De repente, um carro parou. Cinco homens saíram. Tomaram a direcção da árvore. Foi, então, que os polícias os cercaram.

Imobilizados e incapazes de fugirem, acabaram por confessar o que Xanoca tinha contado inicialmente.

Em sua casa, a alegria e os parabéns não faltavam. E compreendia-se: afinal, Xanoca tinha descoberto uma grande rede de traficantes da sua zona.

## UMA AVENTURA NO CAMPO DE TIRO

Pedro Miguel de Jesus Rodrigues

12 anos, 7ºB - Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos

*Conto presente no Concurso "Um Livro, Um Amigo de Palavra"*

*(Editorial Caminho)*

- Mãe, hoje posso ir ao campo de tiro com o meu amigo?
- Eu não gosto muito, Carlitos. Tu não sabes manejar uma arma. Tenho medo que alguma coisa te aconteça.
- Mas não tens que te preocupar. Prometo-te que não ultrapassarei a barreira de delimitação do campo e não pegarei em nenhuma arma. Observarei, simplesmente. Deixas-me agora, Mãe?

- Se cumprires a tua promessa, deixo-te. No entanto, se alguma coisa correr mal, nunca mais te darei autorização.

- Obrigado, Mãe!

Como era bom ir para o campo de tiro! O Nelito era uma boa companhia. E como sabia utilizar uma arma! Era raro não acertar num prato.

Divertiam-se tanto naquela “competição” com os outros atiradores! Carlitos era uma espécie de “claque” do seu amigo.

Naquele dia de Agosto, apesar daquele calor intenso, era agradável estar no campo de tiro. ‘A volta, os pinheiros ofereciam uma sombra suave e a frescura que deles emanava tornava a tarde mais amena.

Que sossego nos momentos de intervalo das actividades! Habitualmente, Carlitos sentava-se no relvado e atirava o seu olhar para o conjunto de habitações que daquele ponto alto se avistava. Figueiró dos Vinhos parecia diferente, mesmo maior. O contraste da cor branca das habitações com o verde da vegetação e da floresta formava uma combinação belíssima! Que sensação, a de estender a visão até um horizonte longínquo, onde o verde nunca acaba, acompanhando as linhas das montanhas que cercam esta vila interior tão querida!

Um grito por entre as árvores quebrou as divagações do Carlitos. Não sabia o que se passava. Levantou-se. Foi, então, que avistou Nelito. Quis correr para ele. Mas a aproximação de um homem muito gordo, com umas barbas muito longas e um rosto moreno, impediu qualquer movimento. Hesitou. Queria ir ajudar o colega. Contudo, desconhecia a razão da discussão e o medo de lhe acontecer alguma coisa fez com que ele se mantivesse imóvel e escondido atrás de uma árvore. Apercebeu-se, afinal, que aquele desconhecido não era de Figueiró dos Vinhos e tinha-se dirigido ao Nelito para o forçar a roubar todos os atiradores que ali se encontravam. Caso não o fizesse, seria morto.

Um arrepio percorreu o corpo de Carlitos. Não queria acreditar no que tinha ouvido.

Terminado o intervalo, as actividades foram retomadas. Nelito estava diferente. Não conseguia acertar num prato e constantemente se exaltava. Não era vulgar aquele comportamento.

Receando qualquer coisa negativa, Carlitos decidiu aproximar-se do Sr. Joaquim, um polícia daquela vila que, nas suas horas livres, ia também àquele campo de tiro. Contou-lhe o que se passara e localizou o sucedido.

Passado algum tempo, um grupo de homens que ali se encontrava meteu-se no interior do pimplal, a mando do polícia. Ouvia-se um tiro. O que aconteceu? Teria morrido alguém?

De repente, ouviram-se falas. Tinham conseguido apanhar aquele homem, que não era senão um ladrão que há muito se procurava por causa dos constantes roubos e ameaças agressivas que fazia. Estava ferido numa perna, consequência de uma tentativa de fuga.

O Sr. Joaquim aproximou-se.

- Parabéns, Carlitos. Salvaste o teu amigo e ajudaste a polícia. Felicito-te pelo teu acto heróico.

Foi neste momento que o Nelito tomou conhecimento do sucedido. Abraçou o colega, agradecendo-lhe.

Durante aquele dia, não se falava em mais nada na vila senão da heroicidade do Carlitos.



# LER

## UM ACORDAR CHEIO DE AVENTURA

Sandra Isabel Ruivo da Silva

12 anos - 7º A - Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos

**Menção Honrosa no Concurso Literário : "Um livro, Um Amigo de Palavra"**

(Editorial Caminho)

O dia estava quente e abafado. As moscas não paravam de voar à volta do copo de sumo de laranja que se encontrava em cima da mesa. Não se via ninguém. Por instantes, o mundo parecia ter parado.

Saturado de tanto se espreguiçar na sua cadeira, Alexandre, mais conhecido por Xanoca, decidiu telefonar ao Maneca. Talvez tivesse alguma ideia sobre o que deveriam fazer naquela tarde estival de Agosto.

Figueiró dos Vinhos, aquela vila tão característica do litoral centro e interior, não oferecia muita variedade de escolha para uma boa ocupação dos tempos livres. A não ser o rio, a televisão, o computador e, claro!, os livros, nada mais estimulava o interesse juvenil.

De repente, e ao longe, Xanoca viu um vulto sobre uma bicicleta em direcção a si mesmo. Só podia ser o Maneca. Era ele! Não sabia como um ser tão gorducho se aguentava em cima de um velocípede!

Assim que parou, foi mais fácil ver o suor e a transpiração no seu rosto e, afinal, em todo o seu corpo. - Xanoca, não sei como consegui cá chegar! Parei tantas vezes! O ar não corre. Só me apetece ir ao rio. Talvez um pouco de água melhorasse a minha disposição. Sei que o Tó, a Tita, a Mila e os primos do Titó estão lá, agora.

- Tens razão. Vai ser penoso lá chegarmos. Mas valerá a pena!

Partiram com as toalhas aos ombros e os chinelos nos pés. Num ápice, encontravam-se já a mergulhar no rio.

Maneca foi o primeiro a saltar, o que fez com que a sua indisposição desaparecesse. Todos os outros lhe seguiram o exemplo.

O rio era um ponto de encontro dos jovens, pois a cascata que acabava com um pequeno lago permitia tantas distrações que se tornava difícil regressar a casa.

Que bem que sabia aquele banho!, pensava Xanoca. Sobretudo depois de ter passado por aquele calor horrível.

Um barulho estranho vinha por detrás do rochedo onde ele estava deitado. Olhou à sua volta. Timha adormecido. Não via ninguém. Talvez fossem os colegas a divertirem-se.